



Foto: Divulgação MAST

Como poucos no planeta, o Mast - Museu de Astronomia, é hoje muito mais do que o guardião da história da ciência e tecnologia do País. Ele acumula ainda as funções de universidade e de Instituto de Ciência e Tecnologia. Este ano, ao completar 25 anos de vida, ele também cresce em tamanho. Com o apoio da FINEP, que já soma R\$ 7 milhões, o Museu ganha agora um novo prédio, uma biblioteca, a reforma da rede elétrica do campus e uma infraestrutura condizente com a importância de sua missão.

**Gigante**  
**aos** **25** **anos**

Isadora Marinho

**E**m 1986, um ano após a criação do Museu de Astronomia e Ciências Afins pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o diretor Alfredo Tolmasquim foi contratado como prestador de serviços para trabalhar em uma pesquisa. Ao longo dos 24 anos que se sucederam, ele viu o Mast crescer mais do que suas paredes podiam suportar. O prédio, uma construção de 1922, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (Iphan), passou a desenvolver e abrigar exposições simultâneas e atividades educativas abertas ao público. Paralelamente, exercia a condição de guardião e restaurador do acervo de ciência e tecnologia do País – dos instrumentos aos documentos. Por fim, em 2006, o museu passou, também, à condição de universidade, com a inauguração do primeiro mestrado em Museologia e Patrimônio da América Latina.

Agora, em 2010, ano em que completa 25 primaveras, o Mast inaugura um novo prédio e dá início à construção de uma biblioteca. As novas construções foram financiadas, na maior parte, pela FINEP, que investiu mais de R\$ 7 milhões na instituição através do Fundo Setorial de Infra-Estrutura - CT-Infra.

– A diretoria elaborou uma expansão da estrutura física para dar vazão ao crescimento do museu e a FINEP não só foi a primeira a investir como também foi a maior patrocinadora deste novo momento – conta o diretor executivo do Mast, José Antônio Queiroz.

A reforma de toda a rede elétrica do campus, financiada pela FINEP em R\$ 2 milhões, foi finalizada e já deu pistas do que está por vir: uma transformação radical da paisagem, da organização institucional e do próprio cotidiano dos funcionários e visitantes.

## Cada coisa em seu lugar

Com a construção estimada em R\$ 3,5 milhões, sendo 50% financiados pela FINEP, o novo prédio é um dos poucos, no Brasil, projetado com a finalidade de preservar. Lá, será armazenada toda a reserva técnica do museu – ou seja – objetos que não estão expostos. Além disso, o corpo administrativo do Mast, que gira em torno de 150 pessoas, será deslocado para este novo prédio, liberando o edifício original para mostras.

– O espaço para as exposições será triplicado com a inauguração da nova sede. Vai ser ótimo, porque poderemos torná-las mais itinerantes e, conseqüentemente, mais divertidas – conta Queiroz.



*José Antônio Queiroz, diretor-executivo, com a maquete da biblioteca nas mãos.*

A nova sede do museu, erguida em pouco mais de um ano e prevista para ser inaugurada em maio, vai pôr fim a um grave problema estrutural. Atualmente, algumas exposições se limitam apenas a uma sala devido à falta de espaço. Nos últimos 25 anos, funcionários e acervo dividiram o mesmo ambiente, pondo em risco a preservação dos quase dois mil instrumentos e documentos históricos de centenas de anos de idade. Afinal, cada tipo de material exige uma determinada temperatura e umidade para ser mantido em bom estado.

O acervo da História da Ciência e Tecnologia será armazenado no primeiro pavimento, que é dividido em duas alas: uma destinada aos documentos e outra aos objetos. Todo esse material fica protegido em um moderno mobiliário importado, também adquirido com recursos da FINEP – cerca de R\$ 482 mil. Suas estantes foram projetadas para otimizar o espaço e contam com controle de umidade e temperatura, adequado a cada tipo de material. Todo cuidado é pouco, afinal, parte do acervo documental do Mast foi declarado patrimônio mundial pela Unesco em 2009.

O professor e coordenador dos cursos de especialização do Mast, Marcus Granato, ressalta a importância de



Equipe da Escola de Belas Artes da UFRJ restaurando o interior do prédio tombado

se preservar, adequadamente, o patrimônio histórico e científico do Brasil.

- O patrimônio cultural traz valores e simbolismos que ajudam a construir a consciência e o caráter do cidadão. Para nos situarmos no tempo e no espaço e compreendermos o momento em que vivemos, precisamos conhecer nossas raízes e os acontecimentos passados – diz Granato.

Já o diretor destaca que, agora, o museu pode servir à sociedade plenamente. – Muitas vezes, quando falamos da importância do País ter uma memória, esquecemos as atividades em ciência e tecnologia que fazem parte disso. Agora, o museu tem condições de atuar nacionalmente, recolhendo acervos de outros lugares, orientando instituições e capacitando pessoal – diz Tolmasquim.

## Aprendizagem e produção acadêmica

Os dois laboratórios usados na recuperação do acervo e nas aulas práticas dos cursos de especialização tiveram o tamanho ampliado em três vezes na nova sede. Granato não vê a hora de começar a lecionar nas novas instalações. – Os laboratórios eram muito pequenos e nós ficávamos

muito restritos, era preciso dividir as turmas e isso acabava reduzindo o número de aulas práticas. Um verdadeiro desperdício – comenta.

Além do mestrado e doutorado em Museologia e Patrimônio, oferecido em conjunto com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Uni-Rio), o museu oferece dois cursos de especialização: o de Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia e o de Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde. “Todos os cursos são únicos na América Latina e, por isso, recebem alunos de diversos países abaixo da linha do Equador”, conta Granato.

– Temos estudantes de quase todos os estados brasileiros e outros tantos vindos de países como a Bolívia e o Chile. Esta variedade cultural resulta em trabalhos acadêmicos muito ricos e diferentes entre si – diz o coordenador. Até hoje, 28 pessoas já se formaram pelo Mast.

E não só a estrutura de ensino sai ganhando como, também, o conforto. O prédio conta com uma sala comunal para alunos e professores relaxarem entre uma aula e outra. Quem também ganha espaço na nova sede são os pesquisadores – tanto os que trabalham na instituição quanto os que a visitam para consultar o acervo. O segundo andar foi projetado para atender ao público específico e para abrigar as equipes de pesquisa do Museu – que somam 11 ao todo.

## Preocupação com o meio ambiente

Quem olha a fachada da nova sede jura que a construção é do mesmo período que o seu vizinho octogenário. Afinal, houve uma preocupação paisagística de harmonizar o campus, integrando antigas e modernas construções. O teto da sede possui uma cúpula, igual às que guardam as lunetas de observação astronômica. Ela serve como clarabóia, ou seja, aproveita a luz do dia para iluminar o saguão e as escadas. Mas essa não foi a única medida ecologicamente correta levada em consideração nas reformas.

– Fizemos um sistema de coleta de água da chuva, para que ela seja reaproveitada na irrigação dos jardins. Além disso, a maior parte do piso foi feita com material 84% reciclado e houve preferência por materiais de construção da mesma natureza – conta Queiroz.

O próprio projeto da sede precisou ser alterado para proteger a integridade de uma árvore centenária que existe no campus, da espécie pau-ferro, ameaçada de extinção.

– O Plano Diretor, que guiou as reformas no espaço e o funcionamento futuro do campus chegou a ser premiado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil pela sua qualidade. Foi a experiência mais bem-sucedida que tivemos – revela o diretor Alfredo Tolmasquim.

## A Biblioteca

Uma vez inaugurada a nova sede, começa a construção da biblioteca. Financiada em sua totalidade pela FINEP, no valor de R\$ 2 milhões, o prédio foi projetado pelo escritório de arquitetura de São Paulo, MPS Associados, ganhador de um concurso promovido pelo Mast. A previsão é que esteja pronta em 12 meses.

A biblioteca vai ocupar uma área total de 1.200m<sup>2</sup> e terá três pavimentos. Nos dois primeiros, ficam as salas de consulta, dotadas de um espaço multimídia, e o acervo bibliográfico, que gira em torno de 15.000 volumes. O terceiro andar abrigará três salas de aula e de estudo para os cursos de pós-graduação. O prédio vai ser construído no local onde, hoje, está instalada a casa da Coordenação de História da Ciência.

O espaço multimídia foi pensado para atender a comunidade que habita o entorno do Museu. Segundo o diretor executivo, a biblioteca do Mast – que hoje se restringe a uma sala no prédio tombado – é a única nas imediações do bairro Imperial de São Cristóvão.

– Na época de provas, a gente costuma receber a visita de muitos jovens e crianças. Todos eles procuram computadores e acervo para pesquisas.

Por ser um público mais barulhento e com demandas específicas, a sala de consulta deles será diferente da usada pelos pesquisadores – explica Queiroz.

De acordo com Tolmasquim, a necessidade de ter uma biblioteca de grande porte aumentou após a assinatura do convênio com a Academia Brasileira de Ciências (ABC), em 2008. – Ela vai nos doar toda a sua riquíssima coleção de livros e periódicos. É um acervo fantástico, de inestimável valor histórico – comemora Tolmasquim. Com essa doação, o Mast se consagra como instituição detentora do maior acervo de História da Ciência e Museologia do País.

Mas mesmo com tantas novidades no campus, dificilmente o prédio original fica ofuscado. Uma equipe de restauradores da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) está trabalhando no interior do edifício para recuperar a originalidade dos detalhes arquitetônicos da construção, que se perderam ao longo do tempo com as sucessivas camadas de tinta.

E mais uma vez a FINEP entrou com recursos, desta vez, para instalar um sistema de climatização no prédio antigo, de modo a proteger as exposições e o acervo da umidade e do calor. O investimento inicial foi de R\$ 417 mil, também provenientes do CT-Infra.

## Ousadia não para por aí

A diretoria atual do Mast pretende, ainda este ano, pleitear mais recursos junto à FINEP para construir um centro de visitantes. Com a ocupação do campus por novas construções, vai se fazer necessária a delimitação de um espaço para as atividades de fim de semana voltadas para o público infantil, além das palestras e eventos de grande porte, como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

– Eu já até dei um nome pra ele: “Espaço Multimeios para Pesquisa em Educação e Popularização da Ciência”. Vai suprir uma deficiência que temos hoje, a da acessibilidade.

Precisamos de um elevador que caiba um grande número de pessoas para facilitar as visitas de escola e também para atender adequadamente deficientes físicos – explica Queiroz.

Já as ambições na área acadêmica envolvem a reformulação do curso de mestrado e dou-

torado de História Social da Uni-Rio, de modo a incluir, na grade curricular, o estudo da História da Ciência e da Tecnologia. Se tudo der certo, as duas instituições vão conduzir o curso em parceria, a exemplo do que acontece no programa de pós-graduação de Museologia e Patrimônio.

– É como se fosse uma proposta inteiramente nova de pós-graduação, que contempla o estudo da Ciência e da Tecnologia. Ela está sendo gestada e será enviada ao Ministério da Educação para apreciação – diz Granato.

Ao se lembrar dos primeiros anos do Mast, Alfredo Tolmasquim se emociona. De acordo com ele, as dificuldades daquela época trouxeram consigo o estímulo e a vontade de vencer os desafios. E deu certo. Hoje, o museu é um dos únicos do País – e do mundo – que conciliam atividades de ensino, pesquisa, e visitação pública.

– É uma experiência muito rica e gratificante entrar numa instituição recém-criada, vê-la dar seus primeiros passos, crescer e assumir um papel importante dentro do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia – diz o diretor. ■

O que foi financiado	
Construção da nova sede do Mast	R\$ 1,9 milhão
Construção da biblioteca	R\$ 2 milhões
Reforma da rede elétrica do campus	R\$ 2 milhões
Aquisição de mobiliários climatizados para guarda de acervos de C&T	R\$ 482 mil
1ª fase da climatização do edifício original	R\$ 417 mil
Outros projetos (exposições e pesquisas)	R\$ 233 mil
<b>Total</b>	<b>R\$ 7,03 milhões</b>